LUGAR DE MULHER



É ONDE ELA QUISER

ANA PAULA BARBI CLARA AVERBUCK MARI MESSIAS

Este livro foi disponibilizado pela equipe do e-Livros

e-Livros.xyz

Lugar de Mulher
é onde ela quiser

Ana Paula Barbi
Clara Averbuck
Mari Messias
Capa: Eva Uviedo

Índice

Mulher não é amiga de mulher

Chega disso: ódio entre mulheres - Mari
A melhor amiga da colega é a colega - Clara
Desejo a todas inimigas…….. um abraço - Polly

Mulher não gosta de sexo

Clitóris, esse lindo - Mari
Escolhi Masturbar - Mari
Não pode: gostar de pornografia - Mari

Mulher só é tão boa quanto aparenta ser

Você não tem que nada - Polly
Fazendo as pazes com os seios pequenos - Mari
A dieta definitiva que você precisa fazer para ser feliz com seu corpo - Polly
Esse corpo te pertence SIM! - Polly
Por que gordas felizes despertam tanto ódio? - Polly
O tempo não é uma prisão - Clara
Como é ser gorda? - Polly
Toques não solicitados: qual a necessidade disso? - Polly

Na hora de fazer não achou ruim

O verdadeiro dilema moral do aborto - Mari

Mulher que se comporta assim tá pedindo

Minha primeira vez - Clara

Mulher é tudo louca

Depressão não é piada - Mari
Sobre cair e levantar - Clara
Autoestima, por que me abandonaste? - Polly

Uma mulher só é mulher de verdade depois de ser mãe

Maternidade: você pode não querer - Clara
Nossa, mas você é mãe? - Clara
De mãe pra filha - Clara

Nossa, que livro de mulherzinha

Escrever como um homem? Não, obrigada - Clara
A sua história importa - Clara

Mulher gosta é de dinheiro

Queridos homens, parem de achar que sabem o que eu quero - Polly
O ciúme é o câncer dos relacionamentos - Clara
Apps de relacionamento promovem contratos, não encontros - Mari
Não Pode: Gorda sofrer por amor - Polly
Diga não ao Homenzinho de Merda - Mari

Não existe coisa mais bonita que homem feminista

Coisas mais bonitas que um homem feminista - Mari

MULHER NÃO É AMIGA DE MULHER

Chega disso: ódio entre mulheres

Li uma notícia sobre uma menina que sofreu violência física de outras meninas. O motivo: ser muito bonita.

É um caso extremo (ainda que nem tão incomun), mas o ódio entre as mulheres é uma coisa cotidiana. E se a gente para pra pensar não é difícil notar que ele é só mais um sintoma e nós somos as principais vítimas.

Sim, porque além de sofrermos diversos tipos de violência, também aprendemos a reproduzir algumas delas. E fazemos isso vendo umas às outras como rivais, vilãs e potenciais inimigas. Mas não para por aí, porque, sendo mulheres ensinadas a odiar mulheres, uma coisa é inevitável: acabamos odiando a nós mesmas.

E eu boto fé que muito desse ódio começa assim que nos notamos mulheres (ou garotas) e que ele está diretamente relacionado com a insegurança. O aprendizado da insegurança é uma das grandes armas que mantém as mulheres nesse ciclo eterno de submissão e controle.

Seja ela na ideia de que a gente só é tão boa quanto aparenta ser - ou seja, de que a nossa vida depende da aparência física e da atenção que ganhamos (especialmente de homens). Ou na patacoada sem tamanho que alguns teóricos dizem que vem lá dos gregos (quando velho Aristóteles disse que as mulheres eram homens imperfeitos, deformados) de que somos uma categoria inferior de ser humano.

Por isso o caso de uma menina batendo na outra enquanto diz: “quero ver alguém te desejar agora” é uma das pontas, mas a outra, bem mais comum, é o vício de competir com as colegas. Quantas vezes você já notou que estava competindo com alguém que nem conhecia (ou, pior, com alguém que gostava), apenas por serem, ambas, mulheres? Como se não existisse espaço suficiente pras duas no mundo, saca?

(spoiler: tem e sobra)

Muitas vezes a competição entre mulheres, longe de ser parte da natureza feminina, é uma forma de tentar se humanizar em um mundo que desumaniza as mulheres. De se colocar acima dessa casta inferior.

O negócio é que não somos uma casta inferior e não será desumanizando ainda mais as colegas que conseguiremos viver num mundo que reconhece nossa igualdade.

Não estou dizendo que você é uma pessoa horrível por fazer/pensar isso, não. Estou só dizendo que somos constantemente lembradas da nossa imperfeição e limitação. Seja nas capas de revista com corpos perfeitos e inatingíveis, nos ideais (cada vez mais inatingíveis) de como uma mulher deve ser no trabalho, no amor, no que for. E sabe quem é melhor que nós? A outra mulher. Ela quer nos roubar o marido, ela é mais bonita, seja como ela, veja dicas para amar melhor.

Mas: chega disso.

E digo isso assumindo que não fui sempre assim. Mas também digo isso sabendo que a melhor coisa que me aconteceu nos últimos anos foi fazer mais amigas. Confiar e respeitar e amar mais mulheres. Nunca me senti tão confortável comigo nesse mundo, tão pouco insegura e sozinha. Mesmo que todas nós (como qualquer pessoa criada nessa cultura) ainda tenhamos que lutar contra alguns impulsos misóginos que parecem naturais (não são), estamos ali: nos amando e protegendo e crescendo juntas.

A melhor amiga da colega é a colega

A gente sempre escuta por aí: mulher não é amiga de mulher.

Olha só.

Desde pequenas somos encorajadas a competir umas com as outras. Pra ser mais bonita do que a outra, pra ser mais comportada do que a outra, pra ser melhor do que a outra. Aprendemos que “não dá pra confiar em mulher”. Já ouvi até gente dizendo que a fofoca é algo inerente ao sexo feminino (suspiros muito cansados). Vivemos essa divisão ridícula, a partir da adolescência, das que *conseguem* agradar aos homens e as que ficam pra escanteio. Lembro muito bem de sacar essa divisão na adolescência e pensar: eu não quero fazer parte disso.

Acontece que isso é tão introjetado em nós que eu fiz. Fiz de outra forma, mas fiz.

Fiz me afastando das outras mulheres e me aproximando dos homens, porque “mulher só falava bobagem” e eu não era como elas. Eu tanto não era como elas que não me via como mulher; eu e a Mari, duas babacas na adolescência, nos dizíamos “melancias”. Não pergunte. Nossa misoginia internalizada era tanta que sequer queríamos ser mulheres, que dirá conviver e interagir com elas.

O tempo passou e percebemos que isso era uma babaquice sem tamanho. Era mais uma forma de manter as mulheres desunidas, o que é muito conveniente, pois assim vivem todas competindo em vez de unidas pra mudar a porra toda. Quantas mulheres você conhece que já disseram que não gostam de trabalhar com outras mulheres? Quantas mulheres vocês já viram desqualificando a colega por motivos errados, como comportamento sexual ou roupa? Quantas vezes você já viu uma mulher dizer que a outra era recalcada e mal amada? Quantas vezes, ó senhora, você já ouviu mulheres culpando outras mulheres pelo que acontece com elas?

E quantas vezes você já fez isso?

Não é sua culpa; é isso que nos é ensinado, é isso que a sociedade esfrega diariamente nas nossas faces, é nesse senso comum que todos vivem imersos.

E é isso que temos que desconstruir.

Queremos, pois, propor um desafio, um exercício diário.

Antes de falar da colega, pense: por que você está falando da colega?

Quando ouvir uma colega falando de outra colega, se tiver intimidade, pergunte: por que você está falando da outra colega?

E se não tiver, faça o exercício silenciosamente.

É bem simples e vai causar uma pequena revolução na sua vida – e quiçá da colega em questão, pois pode mudar totalmente seu relacionamento com ela.

Não vale dizer “porque a colega é *tananam* e *tananam* já me prejudicou”. Consideraremos este argumento inválido e tosco, e também bastante triste, posto que mostra que a pessoa está competindo da forma mais errada possível com as colegas e é justamente disso que estamos falando e justamente isso que precisa ser combatido.

As minas unidas ninguém segura.

As minas desunidas, falando mal umas das outras, não sobrevivem neste mundo cagado.

E aqui é isso: três amigas unidas pra tentar fazer um mundo melhor, e, esperamos, mais um monte de amigas.

Desejo a todas inimigas…….. um abraço

Estava bem tranquila na minha no meu novo albergue quando chegaram três companheiras de quarto que ainda não conhecia. Falaram *hi*, respondi *hello* e ficou por isso mesmo, voltei para o que estava fazendo.

Daí elas começaram a conversar e percebi que eram brasileiras também. Continuei sussa na minha, pois não tava muito a fim de papo.

Até que elas olharam pra mim e começaram a rir.

“Agora tá explicado por que botaram a gente na cama de cima né? Imagina essa gorda lá em cima?”
“Pois é. Mas como será que eles sabiam?”
“Sei lá, devem procurar foto no Facebook pra ver o tamanho da pessoa.”

Risos risos risos.

Na hora perguntei aos meus amigos se deveria me revelar brasileira e constranger essas meninas ou não.
Barraqueiros que são, todos disseram sim. Não só constranger, mas filmar o constrangimento e publicar depois.

E eu ia.

Mas daí elas começaram a rever as fotos do dia. Pelo que entendi, foram para praia.

“Nossa, olha quanta celulite. Amanhã eu vou de shorts.”
“Ai credo, me lembrem de não levantar mais o braço na hora de tirar foto, olha como meu sovaco tá escuro.”
“Engordei muito nessa viagem, voltando pro Brasil preciso parar de comer.”

Essa conversa foi me dando uma tristeza. Uma vontade de abraçar essas meninas e dizer que tá tudo bem. De pedir pra entrarem no Lugar de Mulher e lerem uns textos positivos.

Então os amigos barraqueiros que me desculpem, mas não vou constrangê-las não. Elas já se odeiam o bastante, não quero contribuir com isso.

Vou apenas deixar aqui esse textinho em forma de abraço virtual. Se um dia esbarrarem nele, meninas, saibam que não me ofendi não, tá? Só quero que vocês fiquem bem com vocês mesmas, pra daí ficarem bem com todo mundo. Inclusive comigo.

MULHER NÃO GOSTA DE SEXO



Clitóris, esse lindo

Os números assustam, mas não me deixam mentir: a maioria de nós sabe mais sobre fazer boquete que sobre a própria buceta.

(Esse texto é basicamente para mulheres heterossexuais por um simples motivo: elas são as principais vítimas de parceiros *clitorignorantes*)

Não que seja estranho, né? Em uma sociedade masculina, o que se espera é uma mulher abnegada. E mesmo quando conseguimos alguma liberdade, ainda é difícil imaginar que ela exista sem aprovação dos caras.

Normal, esperado e reforçado por tantas dicas para ser Deusas do Sexo que falam, majoritariamente, sobre o prazer do outro. Não que você vá ser uma trouxa com o coleguinha, mas sexo bom normalmente começa com compreender, amar, explorar seu próprio corpo e seu próprio prazer.

Uma pesquisa inglesa concluiu que 80% das entrevistadas simula orgasmos. E se tem uma coisa que nunca entendi é isso. Primeiro pelo motivo mais besta: pra quê? Você não gozou, às vezes acontece, não precisa brincar de Robocop do sexo. Mas também por achar que simular orgasmo é, muitas vezes, premiar a falta de dedicação do parceiro.

E sabe o que concluiu outra pesquisa sobre o principal motivo para simular orgasmo? Altruismo. Ou seja, para evitar machucar os sentimentos do parceiro.

O que me faz pensar na quantidade de sexo heterossexual entre duas pessoas onde ambos só estão ali pensando em: piroca. Se uma divindidade não te abençoa, não merece teu louvor, amiga.

E sobre essa falta de bençãos, um estudo brasileiro, do ProSex (Projeto de Sexualidade da USP), diz que pelo menos 50% das brasileiras tem dificuldades (não temporárias) em atingir o orgasmo. E o quadro é ainda mais complicado: “Existe uma percentagem de mulheres que nunca tiveram um orgasmo, cerca de 40%. Dessas, 70% sentem o orgasmo através do clitóris, que pode ser pelas mãos, por instrumentos ou mesmo numa relação. E aqui entra a questão que pode complicar.”

Então vamos começar falando de clitóris?

A artista nova iorquina Sophia Wallace criou o Cliteracy. A vibe da Sophia é popularizar o clitóris, já que ele é o possibilitador da maior parte dos orgasmos femininos no mundo. E, entre as várias sabedorias do projeto, uma delas chama atenção:

“Todos os corpos tem o direito de experimentar o prazer que eles são capazes.”

E como fazer isso? Um bom começo é se tocando e se olhando sozinha, mesmo. Todo nosso corpo tem zonas que causam excitação sexual. Quem fica só pensando na penetração perde a loucura da nuca, das orelhas, dos ombros, dos seios e do clitóris.

Aliás, sabia que o clitóris é o único orgão do corpo humano cuja única função reconhecida é sentir prazer? Então por que tanta gente louva piroca e tão pouca gente louva essa pequena (mas nem tanto) maravilha? Ou, como disse a Sophia numa entrevista: “até na pornografia mainstream a atenção ao clitóris aparece como algo pervertido“.

Por isso, outra bela maneira de experimentar o prazer que teu corpo é capaz é: não simulando orgasmo. Sexo deve ser uma troca, de preferência o mais franca possível. E nunca são as mulheres que lucram quando uma mulher simula que gozou sem nem ter chegado perto disso. Então demonstre, diga, mostre o que gosta. Deixe seu parceiro aprender, se ele não souber como funciona e o que te faz feliz.

Se ele não tiver interesse em aprender, bom, azar o dele, colega. A vida é curta demais para sexo ruim e parceiro babaca.

Escolhi Masturbar

Ao longo do tempo a masturbação foi se tornando algo normal e aceitável até mesmo entre grupos religiosos.

Quer dizer, a masturbação masculina.

Uma mulher não deve se masturbar. Na verdade, que tipo de mulher se masturba? Que tipo de mulher sequer pensa nisso? É claro que as mulheres, diferente dos homens, não sentem desejo sexual puro e simples. Talvez sintam desejo por seus homens, mas de um jeito mais delicado e discreto.

O choque causado pela masturbação feminina vai além da sexualidade, ele é o choque que causamos quando existimos individualmente. Uma mulher que não vincula sua existência (e sua sexualidade), que fica *diboinha* mesmo, ainda é um abalo.

E talvez por isso tenha tanta gente dizendo que a masturbação é o último tabu feminino.

Achou um exagero? Então me acompanha: quando pensamos em masturbação masculina, logo imaginamos um cara com tesão curtindo o Youporn. Normal, ué. O problema é que quando pensamos em masturbação feminina ou relembramos os sonhos masculinos com isso que rolam na pornografia mainstream (tipo uma mulher sensualizando para o espelho, por exemplo) ou pensamos na indústria da masturbação, com seus pênis de real skin. Não que eles não tenham sua utilidade, mas vamos admitir que são quase um totem.

(Desculpa, gente, também curto, mas tem um mundo além disso. Tanto que masturbação masculina não é diretamente associada com totens de buceta.)

E além disso tem a vergonha. Um estudo da Universidade de Ohio disse que a probabilidade de uma mulher admitir que se masturba aumenta incrivelmente quando ela descobre que vai rolar confidencialidade. É feio, é pornográfico, é coisa de pervertido.

Mas não é, não.

A ideia de que a mulher pode tomar posse do próprio prazer é algo apavorante e um bom exemplo disso é que a maior parte das meninas é ensinada a ser sensual antes mesmo de ter interesses sexuais. E o pior: a maioria desenvolve sensualidade e não consegue sentir prazer sexual. Por isso eu amo tanto masturbação. Pois coisas como sensualidade se relacionam diretamente com o outro (é o se tocar no espelho ali de cima).

Mas a masturbação é só sobre nós mesmas.

E quando a sexualidade e independência feminina surgem na roda: não pode.

Não pode, deve.

E deve mesmo, já que quando uma garota se masturba ela não está só fazendo bem para o seu corpo, ainda que esteja muito. Masturbação, minha gente, diminui o stress, o risco de diabetes, depressão, melhora o sistema imunológico, diminui as cólicas, ajuda a fortalecer a musculatura vaginal (o que aumenta o prazer e diminui a incontinência urinária). E tem quem garanta que é o grande elixir da juventude.

Mas quando nos masturbamos também estamos fazendo um tipo de ritual onde só cabemos nós, ninguém mais. E esse tipo de solistência é uma fonte sem fim de empoderamento por uma série de motivos. Primeiro porque nos ensina que não tem nada de errado em existir individualmente, que é possível estar feliz e sozinha, sim. E quando nos aceitamos como existências individuais, nos conhecemos melhor internamente. E quando nos conhecemos melhor internamente, o exterior vem logo em seguida. E então aprendemos a conhecer e amar nosso corpo e nossas maneiras de sentir prazer.

E, ah, quando o prazer fica livre para deixar de se colocar como um serviço, algo que está no mundo para o outro, tudo fica mais florido.

E quem não gostou, que se adapte.

Não pode: gostar de pornografia

Estava lendo um texto sobre a necessidade de nos colocarmos sempre como pessoas sexuais. E estava concordando bastante, até que… o texto começou a falar mal de pornografia.

Surpresa nenhuma.

Possivelmente por ser mulher, tenho um histórico de ouvir merdinha sobre o tema. Na hora pensei em escrever um comentário de 3 páginas, mas me contive. Fiquei umas boas semanas pensando nisso.

Acontece que o texto falava sobre o universo das atrizes (não sobre o contexto social ou cultural) e achei difícil ter opiniões definitivas, já que não sou atriz pornô e sei que o mundo é amplo e nossa visão estreita.

Mas esse tema ficava voltando e eu ficava lembrando que uma galera ia ler o exemplo da Linda Lovelace sem contextualizar.

A Linda, falecida em 2002, é a atriz de Garganta Profunda (1972), possivelmente o primeiro mega sucesso pornográfico. Além disso, nos anos 80, ela lançou uma biografia falando sobre a série de abusos que sofreu (tanto de cunho sexual, como financeiro). As revelações da biografia da atriz causaram impacto na indústria americana, que mudou bastante ao longo dos anos.

Mas vale dizer que Linda também disse que sua história foi explorada pelo movimento contra a pornografia, que usou sua vida para fazer fama e grana sem nunca a ajudar financeiramente. No final ela queria ter voz e dignidade, como todos, e nenhum dos lados teve a capacidade de promover isso.

É uma história bem triste, mas não é um retrato universal. Nem é algo atual.

Na verdade, se pensarmos na pornografia americana atual, grande parte dela difere vigorosamente disso. Por exemplo, no final de 2012 lançaram um estudo desmitificando a ideia de que o universo pornô só tem maluco. O retrato mental que a maioria de nós tem de que as atrizes são um grupo com problemas psicológicos, viciadas em drogas e com um histórico de abuso sexual é substituído por uma indústria homogênea, onde elas, comparado com o resto do mundo, tem autoestima

mais alta, são mais otimistas, tem uma rede de amizade e apoio maior, uma espiritualidade mais desenvolvida e gostam mais de sexo.

Mas como a maior parte das pessoas não leva estudos tão a sério, lembrei da Sasha Grey, que já se aposentou mas foi uma grande defensora de que as mulheres podem, sim, fazer pornografia sem isso significar que são danificadas ou vítimas. Entre as mil histórias malucas envolvendo o fato de que ninguém aceitava isso, pensei em dividir com vocês esse manifesto que ela escreveu e que traduzo freestyle quase integralmente abaixo:

Eu comecei a faculdade em Agosto de 2005, balanceando escola e trabalho 7 dias por semana. Mais ou menos nessa época, comecei a pensar sobre pornografia como uma oportunidade profissional. Eu tenho um imenso apetite por sexo e auto-descobrimento. Eu queria explorar minha sexualidade como uma mulher forte, expandir minhas fronteiras e ver qual parte da minha psiquê me levaria até minha próxima e eufórica experiência sexual. E queria fazer tudo isso de maneira sexualmente positiva. Apesar da controvérsia que cerca a indústria, eu senti que poderia trazer uma qualidade enigmática para ela. Eu decidi que se meus instintos continuassem a me pressionar nessa direção, e minha insatisfação com a graduação continuasse, procuraria a oportunidade sozinha. Eu comecei minha pesquisa aquele mês, tomando minha decisão definitiva em Outubro de 2005. Em 17 de Abril de 2006 eu mudei pra LA, fiz os testes necessários e consegui um agente.

Fiz minha primeira cena de sexo em 1o de Maio de 2006 no filme The Fashionistas 2: Safado. Ainda que eu tenha percorrido um longo trajeto desde então, muitas pessoas na sociedade acreditam que eu sou uma vítima. Eu não sofri abuso sexual. Eu não uso drogas. As cenas que eu faço são sempre consensuais. Eu sou uma mulher que acredita fortemente no que faz – é hora da nossa sociedade aceitar que pessoas "normais" (especialmente mulheres) gostam de sexo pervertido. Eu espero inspirar pessoas de todos os tipos de vivências e colaborar com indivíduos inovadores. Muitas pessoas confundem esse pensamento e acreditam que eu desejo que todas as mulheres façam pornografia e fodam como coelhos, ignorando os riscos para a saúde.

Isso não é o que eu prego ou acredito. Como em qualquer negócio, eu assumi riscos na minha profissão. Qualquer um considerando pornô como uma carreira deveria estar plenamente ciente dos riscos, antes de tentar algo. Eu estou pronta para assumir quaisquer desafios e oportunidades com os quais me deparar como mulher, estrela pornô e artista.

Além da Sasha, outra grande voz do porn é a Stoya (que a maioria conhece por

aquele filme com James Deen), que escreveu vários textos maravilhosos para a Vice, onde fala de pornografia, feminismo, heteronormatividade, monogamia, a armadilha de marketing do conceito de beleza natural, etc.

E tem muitas outras mulheres incríveis com vibes massa. Do alto (porém baixo) do meu conhecimento super reduzido posso dizer algumas:

É nerd? Tem a Mandy Morbid, super amiga da Kimberly Kane. É ativista? Tem o casal do PSIgasm, que quer revolucionar o sexo e fazer mais mulheres gozarem. Quer teu pornô mais feminista? Tem a Annie Sprinkle e o Feminist Porn Awards, que valoriza produções que mostrem prazer feminino real, rompam com estereótipos e tenham mulheres em outras funções além de atuação.

Vai ter (sempre tem) gente argumentando que o que difere as atrizes atuais e do passado é a inteligência. Não é. E a Asia Carrera é o exemplo sempre citado. A atriz, que bombou nos anos 90, tem um currículo de uns 400 filmes e um QI de 150.

A diferença é a voz. Agora elas tem voz. E não devemos tirar isso delas.

Podemos não gostar, não consumir, não concordar. O que não podemos é ignorar que as mulheres que fazem pornografia são múltiplas e nem sempre entendem seu trabalho como você entende, mas isso não as faz menores ou piores que você.

Ou, como disse a Stoya:

“As mulheres não são todas iguais, as feministas não são todas iguais, os trabalhadores do sexo não são todos iguais, o trabalho sexual não é todo igual e as pessoas não são todas iguais. Isso precisa ser constantemente repetido, porque vejo as pessoas frequentemente (inclusive eu mesma) caírem na armadilha da generalização.”

Dito isto tudo, conste que: pode gostar de pornografia, sim, se quiser. E tem pornografia pra todos os gostos, então siga a dica da coleguinha daqui e escolha só o que te fizer sentir bem com quem você é e com o que você curte.

MULHER SÓ É TÃO BOA QUANTO APARENTA SER



Você não tem que nada

A vida inteira a gente escuta uma lista infindável de coisas que precisamos fazer para sermos amadas. Tem que ser magra. Depilada. Perfumada. Sem celulite. Com a unha feita.

Saí pra tomar uma cerveja e jogar um carteado com uma amiga e sentamos coladas com uma mulher que não devia usar desodorante há mais ou menos uns 12 anos. Sabe aquela suvaqueira que agride? Me deu até uma rinitezinha.

E enquanto a gente quase morria, ela não estava nem aí. Sorria feliz da vida enquanto segurava a mão do namorado, que a olhava apaixonadamente, como se estivesse na presença da mais cheirosa flor do campo.

Fiquei admirando esse casal e pensando: A gente faz mil coisas achando que vão gostar da gente por causa delas e no fim não é nada disso. Gostar de alguém é algo subjetivo e maior do que qualquer cagação de regra.

As pessoas gostam da gente por causa da gente.

Se depile, faça luzes no cabelo, pinte a unha… mas faça isso por você. Porque pra achar quem nos ame não precisamos fazer nada. Nem usar desodorante.

Fazendo as pazes com os seios pequenos

Quando eu era adolescente me dei conta de uma coisa: diferente de virtualmente todas as mulheres da minha família, eu não teria seios grandes.

Pode parecer bobeira – especialmente pra quem tem seios grandes – mas eu me dei conta disso exatamente porque não era. Não naquele momento. Aos 16 anos ser percebida como a única das tuas amigas que ainda é uma menina é uma coisa terrível. Eu jurava que nunca seria uma mulher, menos ainda sensual. E jurava isso porque era exatamente isso que eu vivia.

E, o pior, quando tentava tocar no assunto com as pessoas parecia que só eu me incomodava com o fato, no mundo inteiro. Por exemplo, logo que notei que meus peitos não ficariam maiores que estavam, tentei falar sobre isso com uma série de mulheres nas quais confiava. Não lembro de termos saído dos clichês sobre dores nas costas, dificuldade para correr (!), etc, pois “não é essa maravilha toda, acredite, eu também sofro”.

Depois de algum tempo tentei falar disso com os caras com quem convivia e eles se apressavam em dizer que adoravam seios pequenos. Como se o tesão de um homem, qualquer homem, fosse capaz de aniquilar toda dúvida e necessidade de compreensão.

Mas a grande derrocada ainda estava por vir. Ao longo dos anos fui lendo progressivamente menos relatos de mulheres com seios pequenos e mais relatos de mulheres que optaram por colocar implantes. Nada contra implantes, tenho amigas que colocaram e são bem felizes, mas, sim, é meio assustador fazer parte de uma espécie em extinção.

E os relatos das mulheres que colocaram implantes deixavam claro que não se tratava de sexualidade, mas de amor próprio. Feito a Kaley Cuoco, que faz Big Bang Theory, disse:

“Eu não tinha peitos! E isso (a cirurgia) foi realmente a melhor coisa que já me aconteceu! Eu sempre me senti desproporcional. Meus implantes me fizeram sentir mais confiante sobre meu corpo. Eu não estava tentando ser uma estrela pornô ou parecer gostosa e sexy.”

E, pra mim, o crescimento desses relatos acontece por dois motivos essenciais, que estão presentes nessa citação (dê um desconto para os preconceitos com estrelas pornô): sensualidade e feminilidade.

Quando negamos que queremos parecer sensuais na real estamos pedindo desculpas por estarmos inseridas nesse mundo maluco, que nos diz que temos que ser perfeitas mas não ligar pra isso. O que, no caso das feministas, é como se tivessemos super poderes, feito nascer com uma imagem corporal positiva por default. Só que ninguém (ninguém mesmo) nasce assim, os padrões de beleza foram feitos para ser inatingíveis e todas nós sabemos da luta constante que é necessária para lembrarmos que: não somos bibelôs de ninguém.

E quando falamos em feminilidade e achamos que deslocamos o foco para nós mesmas, estamos apenas escolhendo ignorar que isso é, na real, a mesma coisa. Por isso essa parte, pra mim, costuma ser ainda mais cruel. Porque ela também é uma questão de papel de gênero, esse negócio que quer nos dizer como devemos ser, nos portar e agir para suprir uma expectativa social criada em torno do que é ser mulher. Se não somos assim, socialmente, somos menos mulheres. Ou seja, existe a punição por destoar de um conceito que não fomos nós que definimos e que, no caso dos seios pequenos, é uma característica física, do corpo da pessoa.

E se você acha que eu estou exagerando, um estudo inglês de 2013 concluiu que homens que curtem seios grandes tem maior tendência (se liga na construção) a ser machistas benevolentes, objetificadores e hostis em relação às mulheres. Segundo os responsáveis pelo estudo, isso ocorre porque “os seios são percebidos como indícios diferencial de gênero” e mais “apropriados para mulheres femininas” e submissas. A ideia é reforçada por outro estudo de 2013 onde a autora nos lembra que quanto maiores os seios, maior a objetificação na terminologia popular. Ou seja, mais as pessoas tendem a ver e se referir a eles como objetos: bazuca, por exemplo.

E é exatamente por isso que me recuso a te dizer clichés objetificadores feito “seios perfeitos são os que cabem na mão”. Dizer isso é tentar remediar uma parada escrota com outra igualmente escrota, feito aquele papo de que “mulheres de verdade tem curvas” (as outras são de mentira?). Também não vejo sentido real em te dizer o que vou dizer, que nesse primeiro estudo concluíram que quanto mais jovens mais os caras curtem seios grandes (ou seja, se você for uma jovem bi ou hétero, isso passa e, com o tempo, os seios pequenos se tornam populares).

O negócio é que manter esse tipo de coisa como relevante é manter a ideia nos padrões e regras que vêm de fora. E achar que esse mito inatingível de feminilidade é algo compulsório para ser feliz.

Pra mim meus seios pequenos começaram a ser legais não porque eram populares, mas porque eu me dei conta que beleza é múltipla e pessoal. Ou seja, está na cabeça. A beleza que está fora da cabeça é imposta. E nada que é imposto pode ser lindo.

A dieta definitiva que você precisa fazer para ser feliz com seu corpo

Para ficar de bem com seu próprio corpo, eis o que você precisa tirar ou acrescentar da sua vida.

1. Elimine Revistas Femininas

Praticamente todas as revistas femininas do mundo foram projetadas para fazer com que você se sinta mal e queira comprar coisas para se sentir melhor. Mesmo quem é magra, nunca vai ser tão magra quanto a moça da revista. Quem é feliz, nunca vai ser tão feliz quanto a moça da revista. Nem a moça da revista é como a moça da revista. O que você ganha consumindo páginas e mais páginas apontando tudo que está errado com você? Nada.

O mundo já vai minar sua autoestima o tempo todo, não precisa dar 5,99 pro jornaleiro para reafirmar essa ideia.

Ai, mas se não posso ler revista o que eu vou ler no consultório do dentista? Saque o telefone e leia este belo livro. Ou jogue Pet Rescue. Ou fique apenas olhando pro teto. Qualquer coisa é melhor do que encher sua linda cabeça com dicas para enxugar 4kg em uma semana e finalmente voltar a ser um ser humano!

Vai por mim, corte essa merda da sua vida.

2. Acrescente imagens positivas

A não ser que você se esconda em uma caverna, não dá para eliminar totalmente o bombardeamento do padrão de beleza vigente, mas você pode escolher o que consumir. Se a televisão só vai te mostrar um tipo de beleza, crie seu próprio padrão e vá atrás das suas imagens positivas.

Cerque-se de blogs, tumblrs, instagrams e pinterests apenas do que vai te fazer sentir bem. Odeia suas estrias? Siga o “Fuck yeah, people with strech marks!” no Tumblr ou o @loveyourlines no Instagram. Acha seu braço muito gordo para sair na rua sem mangas? Acompanhe fique babando nas fotos da Tess Holliday e seus braços gigantescos.

O importante é normalizar quem você é. Já parou pra pensar por que ser alta branca

magra é “normal”, embora seja o que menos se vê na rua? Pois é. Redefina sua normalidade.

3. Evite pessoas nocivas

Você eliminou as revistas femininas, está consumindo apenas imagens positivas, mas ainda tem aquela colega no Facebook que te marca em post da dieta do Chico Xavier. Como lidar? Delete. Você não é obrigada a manter ninguém que te faça mal na sua vida. Mesmo que seja amiga de infância. Mesmo que seja colega de trabalho. Mesmo que seja da sua família.

Como já disse Amy Poehler:

“Só ande com pessoas positivas e que te façam sentir bem. Qualquer pessoa que não te fizer sentir bem, corte. E quanto antes você começar a fazer isso na vida, melhor. No minuto que alguém te fizer sentir estranha ou excluída ou desamparada, você sabe, caia fora ou diga para cairem fora.”

Lógico que algumas pessoas são mais fáceis de cortar que outras, mas vá aos poucos. Comece eliminando a prima da sua vizinha que uma vez compartilhou um post gordofóbico e depois vá criando coragem até chegar na tia desagradável que insiste em dizer que você nunca vai arrumar ninguém se não emagrecer.

Repito: Você não é obrigada a manter ninguém que te faça mal na sua vida.

Tente esses três passos e se sua autoestima não melhorar nem um tiquinho, te dou um real.

Esse corpo te pertence SIM!

Se tem uma coisa parte meu coraçãozinho ao meio é gente usando a frase “saia desse corpo que não te pertence” como motivação para emagrecer. Tadinho do seu corpo.

Não tenho nada contra quem está tentando emagrecer, por qualquer motivo que seja. Se não está feliz com a forma do seu corpo e acha que a melhor solução é tentar mudá-lo, vá em frente. O corpo é seu, vida é sua, tenho nada com isso. Porém, gostaria só de lembrar que esse corpo te pertence sim.

Se você está lendo esse texto, é porque seu corpo está processando todas as informações direitinho no seu cérebro.

Se você foi malhar hoje, seu corpo que te levou até lá.

O trabalho que te dá dinheiro para pagar a academia? Você só consegue realizá-lo porque seu corpo permite.

O franguinho grelhado que você comeu no almoço? Seu corpo que está digerindo.

Seu corpo, estando com a aparência que você deseja ou não, é o que te mantém viva, então respeite-o.

Respeite o seu corpo agora porque um dia, quando estiver velhinha gagá reumática, é bem provável que você olhe para trás e se arrependa de não ter dado o valor que ele merecia.

Pode querer emagrecer sim, só não pode não dar valor por tudo que seu corpo já faz por você agora.

Por que gordas felizes despertam tanto ódio?

Tess Holliday - 1,65 de altura e tamanho 56 - foi a primeira modelo com as medidas dela a assinar contrato com uma agência grande na história.

E sempre que alguma gorda aparece sendo feliz e maravilhosa, começa a revolta. Como essa gorda *ousa* estar bem com ela mesma? A Jes, do blog The Militant Baker, escreveu um texto maravilhoso sobre o assunto, explicando esse ódio todo que as pessoas sentem.

Ela chama esse fenômeno de Body Currency. Traduzindo e resumindo, a ideia é mais ou menos assim:

Passamos a vida toda ouvindo que se tivermos o corpo ideal que vemos nas revistas e na tv, vamos obter amor, sucesso e felicidade. Tudo que a gente quer, né? Então todo mundo acredita nisso e investe tudo o que tem para alcançar o peso mágico que trará todas as maravilhosidades prometidas.

As pessoas passam fome, tomam remédios perigosos, se matam na academia e passam a vida inteira se odiando enquanto lutam pela tão sonhada felicidade que virá com o corpo perfeito.

Daí enquanto está todo mundo ralando atrás da felicidade, aparece uma gorda e diz: ESTOU ÓTIMA E SUPER FELIZ, BEIJOS. É como se ela tivesse furado a fila. Você lá comendo 27 claras de ovo com batata doce para tentar ser feliz e ela sendo feliz do jeito que está? Faz todo seu #foco #força e #fé parecer inútil, né?

É pra morrer de ódio mesmo.

Mas o problema disso é que magreza não equivale a felicidade. Só equivale a dinheiro no bolso de empresas que lucram com a infelicidade alheia.

A raiva que uma pessoa sente ao ver uma gordíssima como a Tess fazendo sucesso e sendo feliz deveria ser direcionada a quem ganha dinheiro com a sua infelicidade, não a quem conseguiu burlar o sistema.

O ódio que se sente não é da gorda feliz. É de perceber que talvez esteja buscando a felicidade no lugar errado.

O tempo não é uma prisão

Eu tinha uma amiga que sentia verdadeiro pavor de fazer 30 anos. Jamais a compreendi. Ela contava os anos, *ai meu deus, vou fazer 28, estou chegando perto*, e sofria.

Sigo sem compreender. Fiz 35 anos e só consigo ver coisas boas nessa passagem do tempo, com exceção de uma ou duas rugas na testa que eu às vezes vejo e penso poxa, isso não tava aí e das ressacas, mas essas a gente aprende a controlar.

Quando eu tinha 20 anos vivia em função de parecer bonita. Mesmo que fingisse que não, mesmo que fosse já uma jovem escritora cheia de ideias, eu vivia achando que além de ser boa tinha que ser bonita e magra e perfeita pra ser completa. E achava que não estava querendo cumprir as expectativas dos outros, jurava que vivia sem me importar, mas olha, como me importava. Me importava e ainda tentava me convencer que era porque eu queria. A mente pode ser muito traiçoeira quando não estamos prontos para ver as coisas como são.

É claro que não sou uma pessoa totalmente livre hoje em dia, mas que melhorada dá a vida quando você passa a se importar menos.

Menos, apenas. Se importar menos com o que os outros vão achar, com a sua aparência de manhã, com a celulite na bunda. Se, aos 20 anos, eu visse a minha barriga hoje, me recusaria a sair de casa. Sério, eu não ia sair de casa. Quer dizer, tem cabimento uma pessoa deixar de sair de casa por implicância com a barriga? Eu era um case de demonstração de busca por aprovação. Passou. Ainda bem que passou. Ainda bem que passou e espero que fique no passado.

Esses dias um moço, ao saber minha idade, disse *NOSSA mas você não tem cara de 35!* Entendo que ele disse isso como elogio, mas fiquei pensando, o que é ter cara de 35? Mechas grisalhas? Bochechas flácidas? Conjunto de tactel de cores fluorescentes? E o que é se comportar como 35? Fechar a camisa até o último botão? Rezar o terço? Fazer curso de cerâmica? Uhm… sossegar?

Não acredito que a idade defina muita coisa a nosso respeito. Esperam, é claro, que

com certa idade você tenha se estabilizado, mas e se eu não quiser estabilizar nada? E se a vida de pagar prestações não for pra mim? E se eu quiser sair fora, vender tudo e ir morar numa casinha em algum lugar com montanhas e muitos (mais) gatos? E se eu quiser virar patinadora profissional, fazer muay thai, raspar a cabeça? E se eu quiser mudar pra Tierra Del Fuego e aprender danças de salão? E se eu quiser beber pinga na esquina, dançar até às 7? Vão dizer que não tenho mais idade?

Enquanto eu tiver vontade não é a minha idade que vai me impedir.

A vida já é cheia de prisões e eu não vou permitir que tornem a passagem do tempo mais uma.

Como é ser gorda?

Outro uma amiga sugeriu que nós fossemos fazer compras na Zara. Eu peso 150kg.

Nessa hora eu percebi que ela não tem a menor ideia de como é ser gorda. Sim, ela sabe que eu sou gorda, mas não sabe o que isso implica. Então resolvi dar uma explicadinha sobre como é a vida de uma pessoa gorda.

Quando eu morava em Londres, ia sempre num shopping gigantesco perto de casa. Dizem que é o maior da Europa, 334 lojas. Sabe quantas dessas 334 lojas vão até minha numeração? 4. Isso mesmo. No maior shopping da Europa, sou bem-vinda em apenas 4 lojas. Nas outras 330 eu posso tentar me enfiar em uma ou outra peça, mas realmente prontas pra me atender, apenas 4. E não, nenhuma dessas 4 é a Zara.

Não deixo de ir à praia ou usar biquíni, mas sabe por que eu nunca peço cadeira e sempre prefiro sentar na canga? Porque minha bunda não cabe em nenhuma cadeira.

Falando nisso, quando penso em escolher algum bar para tomarmos um chopp, tento lembrar como são as cadeiras do lugar. Cadeiras com braços vão me machucar a noite toda, cadeiras brancas de plástico podem quebrar a qualquer momento. Com o tempo, desenvolvi uma técnica para me sentir mais segura em cadeiras potencialmente perigosas: sento inclinadinha pra frente, jogo as pernas cruzadas pra trás e uso-as como apoio. Caso a cadeira quebre, esse apoio das pernas impede que eu me esborrache no chão. Sim, passo a noite usando as pernas de alavanca. Não, nem quando fico extremamente bêbada esqueço dessa preocupação.

E se enquanto eu estou ali tomando meu choppinho aparece um cara pra puxar papo comigo? Sempre dou uma olhada em volta para conferir se não tem um grupo de amigos dele assistindo de longe e rindo, vendo se ele está mesmo cumprindo a aposta de ir falar com a gorda. Acontece mais do que você imagina.

Daí o cara não veio falar comigo só por uma aposta cruel, tá a fim mesmo. Também acontece. Conversamos, levo ele pra casa, transamos. No dia seguinte, mesmo tendo usado camisinha, acordo com umas coceiras meio estranhas e resolvo ir ao médico. Chegando lá, o médico provavelmente nem vai ouvir o que tenho a dizer e vai apenas me entregar uma folhinha de dieta. Meus sintomas não interessam, a possível gonorreia vai passar se eu apenas emagrecer.

Saio do médico morrendo de fome pois estava em jejum por causa dos exames de sangue. Gostaria de comer alguma coisa antes de voltar para casa, mas preciso avaliar se vale o esforço de comer em público sozinha, porque provavelmente escutarei algum desaforo. Se pedir uma coxinha, alguém vai passar por mim e sussurrar “é por isso que tá desse tamanho”. Se estiver calor e resolver tomar um sorvete, alguém pode me segurar pelo braço e dizer “cuidado, vai ficar ainda mais gorda”. Já ouvi isso mais de uma vez.

Eu poderia continuar, mas acho que está ficando triste, e essa não era minha intenção. Eu não sou uma pessoa triste, eu me amo do jeitinho maravilhoso que sou, mas mesmo que uma gorda seja a ganhadora do Prêmio Nobel da Autoestima, essas coisas continuam sendo uma realidade.

Ah, mas então por que você não emagrece e para de passar por isso?

Porque não há nada de errado comigo. Não tenho que me encolher para caber no mundo, o mundo que precisa parar de tentar me diminuir.

Toques não solicitados: qual a necessidade disso?

Tenho uma amiga que não faz sobrancelha. Nunca fez. Boa amiga que sou, em qualquer oportunidade aviso que a vida dela seria muito melhor se desse uma delineada naquele matagal.

Um pouco antes do natal, tive uma crise de insanidade e resolvi comprar aquela caixinha de mechas californianas de farmácia. Obviamente ficou uma merda, e no dia seguinte comprei um Koleston da Xuxa Morena para tentar consertar o estrago.

Daí dia desses a Clara, boa amiga que é, me alertou que o Koleston tava desbotando e meu cabelo estava ficando ruim.

Teve também a vez que fui numa festa muito maravilhosa em que pessoas jogavam glitter umas nas outras enquanto o DJ tocava Chorando Se Foi. Estava lá, dançando toda animada com minhas amigas, quando notei que o cabelo de uma delas estava meio ouriçado. Como boa amiga que sou, dei um toque que o cabelo estava armado.

O que essas histórias tem em comum? Amigas, com as melhores das intenções, dando pitaco onde não foram chamadas sobre a aparência alheia.

Antes da Clara dizer que minha cor estava uma bosta, estava achando ela ótima.

Antes de avisar a amiga coberta de glitter que o cabelo estava armado, ela dançava como se não houvesse amanhã feliz da vida.

A outra passou 30 anos sem achar a sobrancelha um problema.

Vivemos numa sociedade tão cagada, em que é tão comum ficar apontando o que achamos errado nos outros o tempo todo, que às vezes acabamos fazendo isso sem querer, com quem a gente ama e quer apenas o bem.

Se minha amiga tá feliz com a sobrancelha/cabelo armado/raiz descolorida dela, por que diabos que vou cagar na felicidade dela com minha opinião não solicitada? Minha opinião é apenas isso: minha opinião. E deve ser guardada para mim até que seja pedida.

Foda-se se eu acho que é para o bem dela. Quem decide isso é ela mesma.

Então fica aqui meu pedido de desculpas para todas as amigas que já dei toques não solicitados e uma promessa de que no futuro guardarei minhas opiniões para mim.

A não ser que você esteja com comida nos dentes, daí acho que é dever cívico avisar.

NA HORA DE FAZER NÃO ACHOU RUIM



O verdadeiro dilema moral do aborto

O que alguns médicos, lideranças políticas e lideranças religiosas têm em comum? Nenhum deles se importa com as jovens pobres que abortam.

No ano passado o país se comoveu com a morte brutal de duas jovens que buscaram clínicas ilegais de aborto. Agora estamos diante de médicos que, em detrimento de seu código profissional, denunciam jovens pacientes que escolheram interromper a gravidez.

Todos estes (e tantos outros) casos deveriam servir para nos abrir os olhos para o fato de que o verdadeiro dilema moral do aborto não está na interrupção da gravidez, está no abandono das mulheres pobres brasileiras.

Uma notícia trouxe o dado alarmante de que 33 mulheres foram presas por abortarem no país, no ano passado. A matéria diz, ainda:

“Os perfis das rés têm semelhanças: jovens, negras, com pouca escolaridade e baixa renda.”

Ou seja, quando um médico ou médica opta por um recorte de classe e raça em suas denúncias, ele não está sendo um cidadão de bem. Isso não quer dizer que ele ou ela segue um padrão moral inabalável, mas sim um padrão sádico e preconceituoso que, segundo crê, não terá punição.

E esse cidadão de bem que manifesta seu desagrado denunciando pacientes (em SP metade das denúncias foram feitas por esses profissionais), além de preconceituoso, também infringiu o Código Médico. Segundo o site do CREMESP:

“O médico não pode revelar à autoridade, por exemplo, um aborto criminoso, posto que isso ensejará procedimento criminal contra a sua paciente.”

Isso porque que o sigilo médico só deve ser flexibilizado em casos de epidemias, doenças contagiosas e crimes contra o outro (como homicídios). Um médico que denuncia (e não são poucos) uma mulher que abortou está indo contra o Código Médico e pode sofrer penalidades (entre elas suspensão e cassação do exercício profissional – art. 22).

O grande problema disso tudo parece estar no fato de que a punição (para esses casos específicos) tem mais chance de ser bem sucedida quando vem atrelada à uma denúncia da vítima. Agora imagine-se no lugar dessa mulher “jovem, negra, com pouca escolaridade e baixa renda” que sofreu traumas físicos e psicológicos na mão de um profissional que tem um status social de respeitabilidade e uma posição de autoridade.

Ou seja, essa vítima foi esquecida em todas as esferas até aqui, onde foi lembrada como alguém que deve conseguir (e saber como) enfrentar essa engrenagem complexa que praticamente existe para que pessoas como ela desapareçam.

Isso, além de cruel, é difícil.

Mas, do outro lado do espectro, está a apavorante normalização da violência contra a mulher, que já vivemos e que, conforme sabemos, sequer ocorre apenas nesse recorte. Absolutamente todas nós já ouvimos, lemos ou vivemos situações de violência ginecológica e obstétrica. Mesmo entre as mulheres que podem pagar caro por clínicas ilegais de aborto, não são poucos os relatos de má conduta. E mesmo entre as mulheres que decidem ter filhos estes relatos são intermináveis.
Mas é entre essas mulheres jovens, de baixa renda, que optam por não ser mães, que o descaso e a violência ficam mais explícitos.

E ficam mais explícitos por não serem uma questão que diz só respeito a esses médicos que se acham senhores do campinho. Essa é uma questão que também envolve um Estado negligente, que opta por não se envolver com questões das minorias, menos ainda das minorias de classes mais baixas. E, ainda, lideranças religiosas que não enxergam seus fiéis como são: 65% das mulheres que abortam, no Brasil, se declaram católicas e 65% dos católicos do mundo é favorável ao aborto.

É um abandono e uma violência sistemática que ocorre em muitas outras esferas que, assim como essas três, ignoram seus códigos éticos no que diz respeito essas mulheres.

E é por isso que, se desviamos um pouco o olhar, notamos que o verdadeiro dilema do aborto não está nas crenças individuais. Apoiar a urgência da legalização do direito de decidir tem menos relação com o que eu ou você faríamos individualmente e mais relação com lidar com o que já ocorre (sempre ocorreu). E o que já ocorre são os estimados 1 milhão de abortos por ano no país. Destes, 250 levando à complicações. E, entre as mulheres que buscam ajuda por essas complicações, muitas são denunciadas pelos próprios médicos (a outra opção seria morrer?)!

O verdadeiro dilema, aqui, é ético e coletivo e não está na escolha das mulheres, mas no fato de esses procedimentos serem cercados de violência, abandono e invisibilidade.

MULHER QUE SE COMPORTA ASSIM, TÁ PEDINDO



Minha primeira vez

Eu tinha 13 e era fã de Skid Row, Faith No More e Ramones. Pintava os cabelos de preto azulado, usava um piercing no nariz e era gamada num menino cujo apelido era Samurai.

Ele era mais velho, tinha uns 16, e não era da minha escola.

Tinha uma festa e seria na casa do tio de um colega.

Me arrumei toda linda & roqueira com aquele meu cabelo até a cintura e minha camiseta dos Ramones e fui. Cheguei e procurei Samurai de cara. Ele nunca tinha me dado bola, mas eu sabia que tinha crescido naquele ano e que ele talvez me notasse. Eu tinha até peitos! Vai que, né?

A casa tinha uma piscina e um bar lá atrás.

E foi pra lá que eu fui. Era onde estavam os meninos mais velhos, né? O que eu ia querer com os pirralhos da escola?

E foi lá que eu tomei minha primeira dose de uísque. E a segunda, e a terceira e outras.

E foi lá que eu finalmente consegui beijar o objeto do meu desejo, depois de tanto tempo.

E foi lá, no banheirinho da casa dos fundos ao lado da piscina, que eu fui estuprada.

Não foi o Samurai.

Mas os moços que lá estavam acharam que ora, se essa menina está bêbada e praticamente desacordada depois de vomitar muito, é claro que vamos passar a mão. Vamos levar pro banheiro. Vamos abusar e enfiar garrafas nela, porque ela não devia ter dado esse mole de beber tanto perto dos meninos mais velhos. Quem mandou dar mole?

Ainda me largaram de cara na pia e eu fiquei com o olho direito roxo.

Eu não sabia que a culpa não era minha. Eu não sabia que eles deviam ser punidos. FIquei com raiva e culpa.

Mas não fiquei com vergonha.

Segunda-feira, quando cheguei na escola, a história tinha se espalhado. E sabe qual era a história?

A Clara é uma vagabunda e deu pra três no banheiro da festa.

TODA a escola estava falando isso, com exceção de uma garota mais velha, que me disse que eu não deveria ficar triste. Mas eu não estava triste, eu estava era achando todo mundo muito babaca e morrendo de raiva. Como é que essas pessoas estavam falando isso? Como é que elas podiam afirmar o que tinha acontecido? Por que ninguém me perguntou nada? Ora, era a Clara, a maluquinha, a filha de artista, a que não se importava com a opinião dos outros, devia ser verdade.

Esse foi o momento em que eu vi que o mundo era escroto. Esse foi o dia que eu lembro nitidamente de olhar pra toda aquela gente falando de mim no intervalo e pensar: NINGUÉM SABE NADA.

Com 13 anos eu fui estuprada.
Eu só falei pros meus pais anos depois porque achei que eles também me culpariam. Achei que eles ficariam putos comigo e que eu não poderia mais sair. Achei um monte de coisas erradas. A coisa mais errada disso tudo foi achar que a culpa tinha sido minha. Que eu não deveria ter bebido. Que eu não deveria ter ficado no meio desses caras. Que eu “ter peitos” e querer ser notada e parecer mais velha era parte do problema.
Eu só soube que a culpa não era minha muitos, muitos anos depois. Depois dos 15, depois dos 20, depois até dos 30.

Não vou entrar nos detalhes das sequelas emocionais que esse evento me deixou. Não vou contar de alguns traumas que tenho até hoje por causa de uns caras que muito provavelmente não têm sequer noção do que fizeram. Pode até ser que eles tenham família e filhos hoje, pode ser que lembrem disso como “uma menina bêbada que zoaram numa festa”, coisa de adolescente.

Ela estava pedindo. Ela tinha bebido. Se ela foi para uma casa com uns caras é porque estava querendo.
Ainda não ensinaram os meninos a não estuprar. Ainda não ensinaram a eles que as mulheres não são corpos disponíveis. Ainda não ensinaram que quem cala não

consente. Ainda não ensinaram que isso é crime.

Não, não são as meninas que têm que se cuidar porque “sabem como são os meninos” Não, isso não é instinto. Não, isso não é normal.

Isso é a nossa sociedade misógina punindo as mulheres desde cedo. Com outras meninas reproduzindo essa cultura nojenta de culpar a vítima, porque também não ensinaram a elas que pode acontecer a qualquer uma.

Isso tem que ter fim.

Contar a minha história depois de tanto tempo é romper com um silêncio que deveria ter sido rompido na época e que não deve persistir.

A culpa nunca, nunca, nunca, nunca, nunca é da vítima.

Chega disso.

MULHER É TUDO LOUCA

Depressão não é piada

Sou uma pessoa que preza a privacidade acima de quase tudo na vida. Então posso dizer, sem sombra de dúvida, que ter sofrido de depressão foi algo que me destruiu e me obrigou a me reinventar. Algumas coisas são impossíveis de esconder e o fato de estar deprimido é uma delas.

Boa parte dos meus vinte anos passei deprimida, o que fez desse um período bem difícil. Eu era muito jovem, não sabia direito quem eu era e o que era doença. Além disso, aquela dor congelante da depressão me expôs, logo cedo, ao pior da alma humana. E mais: até hoje eu sinto como se não tivesse vivido um período da juventude que todos vivem, pois estava exilada na Sibéria de mim mesma. Na época, mesmo, eu me referia ao que sentia como "estar congelada". O tipo de imobilidade da depressão não era só físico (ainda que fosse muito físico), era como se toda a minha vida estivesse em stand by esperando isso passar para existir. Para eu existir.

Na época li o livro Mente Inquieta e, até hoje, guardo esse trecho como a melhor definição de depressão que já vi:

"As outras pessoas insinuam que sabem como é estar deprimido porque passaram por um divórcio, perderam um emprego ou romperam relações com alguém. A verdade é que essas experiências trazem consigo sentimentos. Já a depressão é neutra, oca e insuportável. Ela é também cansativa. Ninguém aguenta ficar ao lado de quem está deprimido. As pessoas podem até achar que devem ficar, e podem até tentar, mas você sabe e elas sabem que você está incrivelmente chato: irritável, paranóico, sem senso de humor, sem energia, cheio de críticas e exigências, e nenhum tipo de esforço para reanimá-lo jamais é suficiente. Você está assustado e está assustador. Você 'não está nem um pouco parecido consigo mesmo, mas logo vai estar', só que você sabe que não vai."

Convém notar que a depressão também coloca à prova nossa capacidade de sentir empatia. Muito pouca gente consegue vislumbrar o que seja essa doença, já que, conforme disse, ela se emaranha feito erva daninha no eu do doente. E tendo sempre sido sadio, também não é fácil compreender o nível de dor que leva alguém a cogitar a morte. Especialmente se ela não é visível fisicamente. Eu nem saberia dizer quanta gente me falou que eu tinha "uma energia pesada" ou fez piadinhas me chamando de "maluca" pela cidade onde morava. E tudo isso eu relembro a cada piada com uma

pessoa deprimida em redes sociais.

Depressão não tem graça. E, especialmente, suicídio não tem graça. Ele é a segunda maior causa de morte de jovens no mundo.

Depois dessa época passei por momentos de dor profunda, mas nenhum deles se parece com depressão. Mesmo a dor do luto é consistente, tem algo em si. O vazio da depressão é um ambiente árido onde nada nasce. Por isso não considero depressão um tipo de tristeza, mas algo totalmente diferente.

Da época em que estava mais doente também me lembro como era difícil aos meus amigos conviver comigo, como diz na citação ali de cima. Em contrapartida, uma meia dúzia de conhecidos foi tão maravilhosamente humana, que tenho certeza que muitas vezes me apoiei nesse afeto pra suportar o horror que era estar deprimida. Com o passar do tempo (como disse, fiquei anos nessa, sem responder a medicação nenhuma), especialmente minha mãe e meu namorado na época me fizeram notar como amor e delicadeza são capazes de apaziguar a dor. Não curar, mas deixar menos insuportável.

Nessa época fiz uma promessa de mim pra mim (sempre riem quando digo isso, mas é verdade): estar sempre disponível e ser o mais amorosa que conseguir com pessoas que estejam passando por uma situação de dor. Pode parecer uma coisa quase religiosa, mas é mais um agradecimento, mesmo, por todas as pessoas maravilhosas que cruzei na vida.
Então, se você ou alguém que você conhece estiver nessa, procure, claro, ajuda profissional antes de tudo. Mas saiba que eu me importo e vou responder teus emails ou falar contigo no Twitter ou na rua, se nos encontrarmos.

E: vai melhorar. Pode demorar e não ser pra sempre, mas, já diria o ditado: não há mal que sempre dure nem bem que nunca acabe.

Sobre cair e levantar

Eu já tomei remédio pra emagrecer, já chorei porque tava gorda, já deixei de sair de casa enquanto não emagrecesse, já tomei shake, já fiz jejum, já fingi que “estava tantando ser saudável” comendo só salada, já temperei inúmeros pratos com culpa, já acreditei em quem me dizia que eu seria mais bonita se fosse muito magra, já deixei de ir à praia, já deixei de fazer sexo por vergonha do corpo e já me odiei muito. Nos últimos anos aprendi a me curtir e descobri que nosso corpo é uma das coisas mais legais desse mundo e não serve pra enfeitar e nem pra se encaixar no que esperam dele. Demorei anos, perdi décadas, mas cá estou.

Já entrei em relacionamento abusivo, já insisti em relacionamento abusivo, já briguei com todo mundo e defendi o relacionamento abusivo com unhas e dentes pois “era amor e amor não se joga no lixo”. Não contente, entrei em outro e mais um, mas um dia a gente aprende. Tem que ficar de olho, né? Nunca mais.

Mas nunca mais porque agora eu sei identificar.

Perdi a conta de quantos pés na bunda já levei, já chorei, já tive raiva, já fiquei mal, já pensei “mas o que há de errado comigo“, já não saí de casa, já fiquei em depressão, já quis mudar tudo por causa de homem. Já senti dor física, já achei que fosse morrer sem ele, sem eles, mais de um. Morri? Não morri. Vivona estou e apesar de não ser imune a sofrimento jamais cairei nessas armadilhas de dependência novamente.

Já não soube o que fazer comigo, já entrei em crise, já encarei o teto buscando um sentido pra vida, já duvidei de tudo que sei fazer, já quis fugir e mudar de nome.

Eu já estive muito errada, já estive em dúvida e já tive certeza.

Hoje recebi um email de uma garota em crise que dizia: queria ser como você, nada te derruba.

Não, colega: eu caio. Já caí muito, me esborrachei, me esfolei, me estabaquei, sangrei e me ralei toda. Mas tem que saber levantar, né?

Às vezes a gente se arrasta um pouco, rola na lama, pergunta *por que eeeeu*, mas tem que saber levantar.

Se estiver muito difícil de levantar, procure ajuda. Peça ajuda. Às vezes as pessoas ao seu redor nem sabem que você está passando por maus bocados. Comigo era assim: eu nunca deixava transparecer, só depois do limite.

Isso eu também aprendi.

Eu tenho 35 anos e a certeza de que ainda vou passar por muita coisa desagradável pois tudo isso faz parte da vida, mas uma coisa eu aprendi: do chão a gente não passa e tudo passa se a gente souber levar. Ninguém nasce sabendo, mas a gente tá aí pra aprender, né?

Autoestima, por que me abandonaste?

Sempre me perguntam como eu faço quando a autoestima dá uma falhada. Passei por isso recentemente e acho que o mais importante nessa hora é tentar entender o motivo da sua autoestima estar zoada.

Sei que que não estou no meu normal quando começo a duvidar de tudo que faço. A roupa que escolhi não está boa, o texto que escrevi está uma merda, meu almoço ficou mal temperado. Chegou no ponto em que quase chorei quando comprei a pasta de dente errada porque, meu Deus do céu, não consigo nem fazer isso direito.

Daí eu parei para pensar na razão de estar me sentindo assim e percebi que sou a única pessoa gorda da cidade. Moro em uma cidadezinha na Toscana onde, tirando um ou outro senhor barrigudo, só tem gente magra.

Não tinha conscientemente reparado nisso ainda, mas me toquei no dia em que estava sozinha na rua, quis tomar um sorvete e pensei “melhor não”. Ué, mas por que não? Por que alguém pode passar e falar alguma merda. Mas por que alguém falaria alguma merda? Porque você é a única gorda da cidade.

Ah.

A partir do momento em que percebi que era isso que estava cagando minha autoestima, foi só me dar uma autochinelada na cara pra sair dessa.

Nessa autochinelada, você precisa se lembrar que é uma pessoa maravilhosa. Sabe quem te alimenta? Você. Quem te veste? Você. Quem te bota pra dormir? Você. O simples fato de seguir vivendo e tomando conta de você mesma enquanto o mundo todo quer mais que você se foda já te transforma em uma pessoa maravilhosa que merece todo amor do mundo.

Depois de dada a chinelada, tente trabalhar o que está te fazendo mal. No meu caso, como o problema era a cidade onde eu estava, fui viajar. Foi um abracinho na alma chegar em Berlin, tive vontade de sair beijando todas as gordas que via pela frente e dizer obrigada por existirem, suas lindas!

Mas se o que está te incomodando é outra coisa, pressão no trabalho, problemas

com a família, amizades ruins, ansiedade, sei lá, apenas siga lembrando que é maravilhosa e faça coisas que te ajudem a lembrar disso. Não sei quais são essas coisas para você, mas para mim são: assistir The Nanny, tirar milhões de selfies, biscatear no Tinder e ficar no escuro ouvindo Ben Folds.

Descubra as suas coisas e força que uma hora passa.

UMA MULHER SÓ É MULHER DE VERDADE DEPOIS DE SER MÃE



Maternidade: você pode não querer

Várias amigas têm me chamado no cantinho pra conversar sobre maternidade.

E não é sobre ter filhos. É sobre não ter.

Muitas delas não querem, mas se sentem pressionadas porque estão chegando perto dos 30 e acham que vai passar o tempo e chegar o arrependimento.

Amigas e leitoras, vos digo: só tenham filhos se tiverem toda a certeza que é isso que querem.

Não é fácil. Ser mãe não é uma propaganda de margarina ou de shampoo. Não é um mar de rosas e tampouco é padecer no paraíso. Você vai ter momentos incríveis de orgulho que não dá nem pra explicar e outros de muito amor, mas também pode ser que você tenha vontade de arrancar os cabelos e fugir de casa sem sapatos no meio da madrugada.

É mentira que só quem tem filhos conhece o amor incondicional. É uma mentira horrível, inclusive. Nenhuma mulher é superior ou iluminada porque tem filhos. Isso é o que querem que acreditemos. Quem é mãe já sabe: não existe uma chavinha que você acende pra virar essa mãe mítica. Simplesmente não existe. A maternidade não é algo sagrado e você não tem que ser a santa mãe.

E tenha isso em mente: você dificilmente vai estar só de novo.

Quando me toquei disso, foi uma grande crise. O desejo mais forte da minha vida sempre foi a independência, e, bem, você não é independente quando tem uma pessoa sob sua responsabilidade.

Algumas pessoas acham que é maravilhoso “ter alguém pra cuidar de você quando estiver velho”. Essa ideia me assombra, dar trabalho pra minha filha. A última coisa que eu quero na vida é encher o saco de alguém quando for velha. Tenho horror a dar trabalho. Não quero, não vou. Então pra mim essa ideia aí não serve. Quero mais é que ela avoe que eu velha me viro. Isso se eu ficar velha. Enfim.

Muitas mulheres se sentem culpadas por não quererem ter filhos, e, pior ainda, se sentem culpadas quando têm filhos e não são inundadas por aquele sentimento de

plenitude. Ter filhos não torna nenhuma mulher plena; ter filhos torna a mulher mãe. E só. Não é o fim de nada, é o começo de uma longa jornada. Essa história de que uma mulher só é completa quando tem filhos é balela e só serve para gerar frustração. Colocar a felicidade na ideia de filhos, ou casamento, ou até carreira, é delegar a felicidade, que pertence exclusivamente a você. Não faça isso.

Não me entendam mal: minha filha é incrível e tenho certeza que estou fazendo o meu melhor pra criar uma mulher fantástica.

Mas ela não é o centro da minha vida.

Eu sou.

Se eu não estiver no centro da minha vida, quem vai cuidar dela? Uma mãe capenga, pela metade? Não. Eu tenho que estar inteira, sã, eu tenho que ser uma Clara inteira pra conseguir criar uma Catarina inteira.

Já estive toda quebrada e asseguro: não existe como criar um filho assim. Mas exigem, né? Você é a mãe, tudo vai sempre recair sobre você. Não interessa o seu estado, é de você que a sociedade cobra.

E é claro que já abri mão de muita coisa. Sempre quis morar fora do Brasil. Ainda não fui porque não sou irresponsável de fazer minha filha passar perrengue. Quero também morar no Rio de Janeiro; ainda não fui, entre outros motivos, porque sei que ela se separaria do seu grupo de amigos e isso abalaria sua vida. Já fiz trabalhos que odeio. Já lidei com gente detestável porque precisava de dinheiro. Provavelmente não teria feito muitas dessas coisas se não tivesse uma filha pra criar. Não me arrependo de nada, mas é inegável que, quando você tem essa responsabilidade, acaba engolindo um monte de sapos.

Enfim, colegas, deixo aqui essa reflexão: filhos podem ser incríveis, é claro, mas só se você realmente quiser tê-los. E é ok você não querer. E é ok também você querer e ser uma mãe completamente fora dos padrões de mãe conhecidos e aceitos.

Nossa, mas você é mãe?

Já ouvi essa milhares de vezes.

Nossa, mas e você é mãe?

E sai? E bebe?

Nossa, mas e você é mãe? E escreve essas coisas? E se a sua filha ler, o que ela vai achar?

Nossa, mas você é mãe? E fala tanto palavrão?

Nossa, mas você é mãe e fala de sexo assim?

Mãe com esse decote, com esse shortinho? Mãe falando de droga? Nossa.

Dificilmente os pais passam por esse tipo de questionamento. Agora, mãe… Mãe tem que se dar o respeito, né? Mãe tem que dar exemplo. Mãe não pode viver, pode apenas exercer a santidade de sua função.

Nossa, mas você não tem cara de mãe.

O que é uma cara de mãe, minha gente? Camisa fechada até o último botão e uma sacola de feira a tiracolo?
Mãe tem que se dedicar aos filhos, ora, botou no mundo, tem que criar. Cadê pai? Ah, pai é pai, mãe é mãe.

Mãe é mãe.

Num mundo ideal eu nunca mais teria que ouvir isso.

Se a mãe deixa os filhos com o pai, pelo motivo que seja, é porque só pensa em si, só pensa em trabalho, é uma vaca egoísta que abandonou os pobres filhos ao deus-dará, mesmo que tenha sido para ganhar dinheiro ou estudar. Parece que a gente deixa a criança pelada debaixo de uma ponte numa noite chuvosa. Que mãe horrível! Mãe tem que cuidar dos filhos.

Já ouvi relatos assim de amigas que trabalham, que fazem faculdade, que fazem mestrado, doutorado, que têm carreira artística. É sempre a mesma merda.

Fiquei boladíssima com o negócio da cara de mãe. Não ter cara de mãe deve ser uma coisa boa, então, né?

Uma vez, em um momento de extrema revolta com gente que olhava torto para os meus shortinhos na saída da escola da minha filha, escrevi um texto sobre ser mãe e sobre ser livre. Fui muito xingada. Falar é fácil, né, quero ver quem quer ter mãe assim!

É tudo nas costas da mãe. Tudinho. Inclusive quando o filho "dá errado". Culpa de quem? Da mãe, claro. Me deixa enjoada ninguém nunca exigir nada de pai. Escrevi:

"E cadê o pai? Ah, casou de novo, sabe como é. Cadê o pai? Ah, mora em outro estado, sabe como é. E cadê o pai? Ah, ele visita a cada 15 dias. E cadê o pai? Não existe. E cadê o pai? Ah, ele até ajuda.'Ajuda' porque a responsabilidade é da mãe. O fardo é da mãe. Na hora de fazer foi bom, né? Agora aguenta. Por que não se cuidou? Métodos anticoncepcionais não faltam por aí. E jamais falham, né? Se falhar, não dá nem pra pensar em tirar aquela vida. É uma vida! Uma vida não se tira assim, por egoísmo. Não tem idade? Não tem dinheiro? Não tem ninguém pra dividir a responsabilidade? Não tem vontade? Aguenta."
É osso viver nesse mundo em que a mãe cobrada pra dedicar a vida inteira aos filhos e o pai que faz o mínimo vira um herói.

Não estou nem falando da minha situação pessoal, estou falando dos papéis que são cobrados pela sociedade mesmo. É osso, migas. Se vocês querem mesmo ser mães, estejam prontas, pois é osso.

De mãe pra filha

Cata Cat:

Somos parecidas, né? Somos diferentes, também, mas somos parecidas, e muitas vezes brigamos porque somos duas cabeçudas. E eu te vejo crescendo e sei como é difícil e estranho, como a gente fica desconfortável no corpo, como algumas coisas não fazem sentido, como o desejo de independência cresce junto com nossos peitos e é difícil de lidar. Eu também era maior do que as outras meninas, eu também era maior do que os meninos, eu também era filha de artista, eu também não sabia lidar com a instabilidade financeira da minha infância, mas era assim que era e é assim que é com a gente.

Minha filha, meu amor, eu fico tão triste quando você diz que eu só trabalho e não te dou atenção. Queria ter mais tempo, queria ter todo tempo do mundo, queria te levar pra conhecer lugares legais, todos os lugares que você quisesse. Mas eu também preciso de tempo pra mim, assim como você gosta do seu tempo com as suas amigas, sabe? E no fundo eu sei que você sabe que eu tenho que ralar pra gente ter as coisas, pra gente ter comida, casa, pra nós e pros nossos gatinhos, e eu sei (passarinho me contou) que você morre de orgulho do trabalho que eu faço. Fiquei emocionadíssima quando você foi defender meu texto que falava da letra do One Direction, pois achei que você ficaria brava comigo, mas você entendeu tudo. Você é demais.

Catarina, Cata, Cat, esse tempo que eu passo na frente do computador e até brigo com você porque preciso de silêncio é porque eu estou, além de tentando ganhar a vida, tentando construir um mundo mais legal pra você crescer.

O mundo de hoje não é nada legal com as meninas, assim como o mundo em que cresci também não foi, mas eu estou aqui, ao lado da Tia Polly e da Tia Mari e de tantas outras mulheres incríveis, lutando pra mudar isso. Lutando pra que você possa ser uma mulher livre, pra que ninguém te julgue pela sua roupa ou por quantas pessoas você beijar, lutando pra que, quando você trabalhar, receba um salário justo, lutando para quebrar os padrões de beleza que já fragilizam a sua auto-estima e das suas amigas, lutando para que você possa fazer as suas escolhas sem o Estado se metendo. Lutando para que você também seja uma lutadora e me ajude a quebrar todos esses paradigmas e esses padrões que já existiam quando nascemos, que são anteriores a nós e que sufocam todas as mulheres.

Eu te amo demais pra não brigar com unhas e dentes por um mundo em que você possa ser verdadeiramente livre. Pelo menos mais livre do que eu fui.

A gente ainda vai brigar muito nessa vida, você ainda vai me xingar e dizer que me odeia, mas acredite: tudo que eu faço é por amor.

Tenho certeza que estou fazendo diferença no mundo. Por você, por mim, pelas minhas e pelas suas amigas e por todas as outras mulheres que não conhecemos.

Morro de orgulho de ser sua mãe, Catarina. Obrigada por estar aqui.

NOSSA, QUE LIVRO DE MULHERZINHA

Escrever como um homem? Não, obrigada

No começo da minha carreira de escritora, há uns bons 15 anos, me sentia lisonjeadíssima quando diziam que eu “escrevia como um homem”.

Isso pra mim era sinônimo de superioridade, de que eu estava seguindo a linhagem de minhas influências, de que eu estava no caminho certo e não fazendo subliteratura para mulheres.

Qual o erro?

Vários. Vamos começar pela percepção de que literatura feita por mulheres é uma subliteratura, um sub-rótulo. Quer dizer então que tem a literatura normal, “de homem”, e literatura de mulher, uma coisa menor? Esera um pouco, isso aí está bem errado. O que existe é boa literatura e má literatura. E, por motivos históricos diversos, as mulheres, até pouco tempo – estou pensando ao longo da história, não semana passada – só eram alfabetizadas para fins de etiqueta e para enviar convites de casamento. Alguns livros sequer eram permitidos a elas, que, não sei se vocês sabem, dependiam de algum homem (pai ou marido) e eram encorajadas (pra não dizer obrigadas) a acatar suas decisões. Claro que tivemos algumas que conseguiram escrever mesmo assim, como Mary Shelley e Jane Austen, mas elas são exceções. A maior parte das mulheres tinha sua vida restrita à vida familiar e privada. Se a mulher sequer tinha autonomia sobre sua vida, como é que ia escolher ser escritora? Sem nem mencionar a quantidade de mulheres que escreveu e teve sua obra assinada por um homem – e isso não aconteceu só na literatura: era terrivelmente comum no campo da ciência também.

À medida que foram conquistando mais liberdade, as mulheres começaram a escrever sobre a vida que lhes era conhecida e permitida: dentro da esfera familiar, do amor, do drama, do romance. Muitas mulheres que vieram a se tornar escritoras começaram pelos diários e usam a experiência como matéria prima. E daí veio outra percepção errada: de que essa literatura feita por mulheres é “confessional”. Não vejo ninguém chamando o “Livro do Desasossego” do Pessoa ou “O capitão saiu para o almoço e os marinheiros tomaram conta do navio”, assumidamente um diário do Bukowski, de confessional. Só mulheres pecam, só mulheres confessam, é isso? Não, não é isso. Então vamos parar com essa palhaçada. Ninguém está confessando nada; usar a vida como matéria prima não é um pecado.

Nos dias de hoje, vejo várias escritoras incorrendo naquele meu mesmo erro e buscando se afastar das outras mulheres pra “mostrar que é diferente”, mostrar que não escreve nem como mulher e nem para mulheres. Oh, minha juventude. Já fiz tanto isso e agora, olhando pra trás, me acho uma babaca. O que eu buscava era uma cadeirinha na mesa dos homens, um cantinho nessa área tão dominada por eles. Eu queria ser aceita, eu queria pertencer àquele grupo, o grupo dos homens que tinham os mesmos ídolos que eu. É perfeitamente normal, afinal, o meio literário é o nosso mercado de trabalho e queremos nos inserir nele, não é mesmo? Pois então, depois de devidamente inserida, eu vi que as diferenças não se restringiam à percepção dos leitores e colegas. O meio editorial também trata as mulheres de maneira diferente. Tive uma baita briga com uma editora porque eles queriam fazer uma capa horrorosa para o meu livro “Vida de Gato“. O que eles entenderam e queriam vender era: literatura feita por uma mulher, exclusivamente para mulheres. Chick lit. Não se julga um livro pela capa, mas eu escolho as minhas pra evitar confusão e determinadas restrições. Porque perceberam história era garota-conhece-garoto-se-envolve-e-se-fode, quiseram rotular o livro assim, e isso restringiria o público. De novo: se fosse a mesmíssima história escrita por um homem, com certeza seria percebida de forma diferente e o autor seria aclamado por conseguir escrever sobre amor e fracasso com tanta destreza e sensibilidade. Que linda ilusão a minha de que não havia distinção entre os gêneros! Outro dia mesmo veio um senhor dizer que eu não conseguia superar a visão feminina e errava o tom ao retratar o homem, e que eu deveria ler um livro sobre mulheres, que havia sido escrito por um homem, para entender.

Só rindo.

O que eu estou tentando dizer é: minas que escrevem, nós já vivemos em um mundo dominado pelos homens. Vocês não precisam tentar ser um deles para serem aceitas, e não precisam desdenhar as outras mulheres e propagar machismo numa busca (provavelmente inconsciente) de aprovação no meio. Eu sei que é difícil e que é todo um processo, mas se quisermos ter voz, se quisermos realmente ter voz, não é misturando a nossa ao coro masculino que vão nos escutar.

A sua história importa

Escrevo usando a vida como matéria-prima. Isso nunca foi segredo. Meu jeito de escrever foi mudando ao longo dos anos e com a experiência, é claro, mas é assim que é.

E isso já me trouxe muita dor de cabeça.

Acontece que nos últimos tempos me dei conta que estava evitando contar as minhas histórias. Louco, né? Logo agora que criamos o Lugar de Mulher, logo agora que o protagonismo feminino é um assunto recorrente, logo agora.

Eu estava evitando contar as minhas histórias por medo que elas fossem diminuídas por serem minhas, como foram tantas vezes. Nem preciso dizer que só fazem isso com mulher, né? Quando um escritor homem escancara que usou a vida como material ninguém trata como diário, como algo menor, como algo sem criatividade.

Comigo sempre foi assim. No começo não me incomodava, mas no começo quase nada me incomodava pois eu tinha tocado um grande foda-se para me proteger dos ataques que recebia desde que era a única colunista do CardosOnline, lá por 1998. Depois comecei a me incomodar horrores, mas ainda não conseguia identificar que isso acontecia porque eu sou mulher. Eu achava que era falta de referência, olha quanta ingenuidade. Depois veio o filme baseado no meu livro e eu tive que me explicar mais ainda, depois eu cansei e pensei em nunca mais publicar nada pra evitar encheção. Não queria mais saber de blog, não queria mais saber de escrever, não aguentava mais responder “é você”? ou “isso aconteceu” ou “o personagem tal é o fulano?”, pois não havia o menor cabimento nisso.

Fiquei anos sem escrever uma história.

Escrevendo meu quarto romance e sétimo livro, passei por esse dilema de novo: vão encher meu saco porque uso minha vida como matéria-prima. Vão diminuir minha literatura. Vão estudar minha ficção como não-ficção (isso acontece, sério). Fiquei meses engessadíssima. Não vou usar isso, não vou usar aquilo, vou disfarçar as evidências e negar as aparências.

Até que me caiu a ficha: foda-se. Azar de quem não conseguir superar o fato de que eu sou uma mulher e que minhas histórias importam. Importam pra mim, importam

para outras mulheres, importam como literatura, importam. Eu vou escrever como quiser e como for bom pra mim e como eu, escritora, julgar que devo fazer.

Então eu vim aqui hoje só pra falar isso: meninas, mulheres, queridas que escrevem e que não escrevem: as suas histórias importam sim. Não tenham vergonha de falar de si. Vocês importam, suas histórias importam. Se dar importância e abrir o coração não é errado, não é bobo, não é menor.

É você.

E você importa.

MULHER GOSTA É DE DINHEIRO

Queridos homens, parem de achar que sabem o que eu quero

Você tá lá ficando com o cara, tudo indo bem, mas daí ele some ou começa a ser escroto porque não quer nada sério. Daí eu te pergunto: E eu lá quero?

Se eu não disse que quero algo sério, porque a pessoa acha isso? Nem toda mulher quer um relacionamento sério, amigo. Enquanto você acha que estou desesperada pra ser sua namorada estou biscateando no Tinder, mas parece que depois que passamos de uma certa idade homens começam a achar que todas nós só queremos as mesmas coisas.

Coisas que homens acham que quero só porque passei dos 30:

<u>Casar</u>
Não digo dessa água não beberei pois existem situações em que consigo imaginar a necessidade de um casamento (se me apaixonar por algum estrangeiro e a pessoa precisar de um visto para continuar no país, por exemplo), mas casar por casar? Sem necessidade legal nenhuma, só pra dar festa que custa o preço de uma casa popular? Não, obrigada. E mesmo se eu quisesse casar. Quem disse que é com você? Se enxerga. Só porque saímos algumas vezes não significa que já estou escolhendo o vestido de noiva e orçando preço do cento de bem-casados.

<u>Ter Filhos</u>
Acho que é a única coisa na vida que tenho certeza absoluta de que não quero. Se alguém um dia me obrigar a escolher entre cortar um braço fora ou ter um filho, escolho cortar o braço pois creio que seria mais fácil me readaptar à vida sem um braço do que à vida com um filho. Tem quem queira, mas não é pra mim não.

<u>Dinheiro</u>
Amigo, dinheiro eu tenho. O que eu não tenho é alguém pra jogar carteado pelado. Não quero alguém que pague o jantar, quero alguém pra fazer maratona de seriado na cama entre uma trepada e outra.

<u>Flores e Presentes caros</u>
Olha, receber flores e presentes é legal, mas se quiser ser romântico mesmo, chega aqui em casa e lava a louça que tá na pia há três dias. Ou dobra a roupa que tá no varal. Isso sim é demonstração de amor.

O ciúme é o câncer dos relacionamentos

Outro dia uma moça veio falar comigo e perguntar como fazer pra controlar o ciúme. Ela me disse que estava destruindo um relacionamento com um cara de quem ela gostava muito porque não conseguia confiar nele e morria de ciúme.

Eu não tenho uma fórmula mágica para resolver o ciúme, mas tenho algumas coisinhas pra dizer. E a primeira delas é que você precisa saber que a outra pessoa não é sua propriedade. Saber mesmo. Não adianta dizer que sabe e por dentro se corroer, porque o que está aí dentro é que importa e é o que está aí dentro que a gente tem que aprender a controlar, até porque acaba aparecendo nos momentos mais críticos e aí já viu.

Da última vez que namorei, ele dizia: eu quero que você seja minha. Eu dizia: as pessoas não pertencem umas às outras e ele dizia que eu era uma chata romanticida. Óbvio que não funcionou. Não pedi e nem pedirei desculpas por isso: as pessoas não pertencem umas às outras e é essa noção “romântica” que começa a estragar tudo.

As pessoas não pertencem umas às outras.

As pessoas não pertencem umas às outras.

As pessoas não pertencem umas às outras.

Repitam até entender. Até acreditar.

Outra coisa: paranoia nunca ajudou ninguém. Viver em desconfiança, fuçando nas coisas da outra pessoa, é um óbvio passo para o fracasso. O outro tem direito à sua privacidade, à sua vida pessoal, a sair com os amigos e amigas, eu acho um absurdo ter que escrever isso, mas vejo tanta gente legal caindo nessa armadilha que nem acredito. Para, gente. Quando pintar esse ímpeto, sei lá, vá ao cinema, vá ler um livro, vá tomar um banho, ligue pra alguém e convide pra tomar uma cerveja, vá fazer ponto cruz, pintar as unhas, arrumar as gavetas, qualquer coisa.

Deixar o outro ser livre também é libertador.

As pessoas não pertencem umas às outras.

É difícil, eu sei. É difícil se desvencilhar de conceitos que nos foram ensinados desde sempre.

Mas vamos lá, vamos tentar, porque viver a vida com ciúme é viver pela metade e se relacionar assim nunca vai ser bom pra ninguém. Não é bonitinho. Não é romântico. Não é prova de amor.

Não vou nem comentar que ciúme e posse pode levar ao pior dos extremos, pois disso eu acho que vocês já sabem. Ciúme sufoca. Ciúme faz mal pra todo mundo. Ciúme deteriora até a mais legal das relações. Não caia nessa, colega.

As pessoas não pertencem umas às outras.

Apps de relacionamento promovem contratos, não encontros

Tempos atrás, lendo “In Praise of Love”, do filósofo Alain Badiou, me peguei pensando em aplicativos de relacionamento. E explico: os aplicativos de relacionamento facilitam a aproximação de pessoas por interesses/afinidades/proximidade. Depois disso as pessoas conversam, definem uma espécie de contrato de como irão, ou não, se relacionar e fim.

Claro, por serem sentimentos humanos, nada é tão definitivo, mas essencialmente é esse o modus operandi.

Ocorre que sempre tive uma pulga atrás da orelha em colocar, por exemplo, referências culturais como moeda de troca afetiva. Quero dizer que na maioria das vezes pouco importa que nós dois gostemos de Poe, se não rolar um prisma inexplicável, né.

E aí entra o Badiou. No livro, ele chega falando que não existe encontro sem risco. A própria ideia de anular o risco e delimitar papéis já seria capaz de matar o encontro em si. Encontro é, pra ele, o inesperado. “Algo acontece com você que nada que existe no seu mundo poderia prever. Você encontra alguém que você não conhece e, ainda assim, isso te abala, te atrai, entra na sua vida”. E ele segue: “Para que um encontro seja genuíno, nós sempre temos que presumir que ele seja o começo de uma possível aventura. Não podemos demandar um contrato de segurança com quem quer que seja que encontremos. Já que o encontro é incalculável, se tentar reduzir essa insegurança estaremos destruindo o encontro em si, ou seja, a aceitação de que alguém entre em nossas vidas como uma pessoa completa”.

E é por isso que, pro Badiou, a própria ideia de afunilar quem encontramos por quaisquer que sejam os filtros de “pessoa certa”, já inviabilizaria o encontro. Por isso, também, se abrir pra todas essas possibilidades desconhecidas, pra essa aventura, demanda querer. Mas também demanda um pouco “sorte”, por assim dizer, já que sequer existem tantas pessoas no mundo por quem sentiremos esse fisgão cósmico (não só tesão ou afinidade intelectual).

E antes que alguns de vocês venham para cima de mim com acusações de romantismo, já digo que acho que a grande ruptura com o romance está no pressuposto de que existe risco. Precisamos aceitar entrar em algo sem definir exatamente o que ganharemos e o que será esse algo. E isso se torna cada vez mais

impensável, a medida que utilitarizamos e otimizamos mais e mais todos os processos da nossa vida.

Todo risco, como vejo, aparta (e com força) a ideia de romance que temos hoje. O romance que nos vendem é aquele onde almas gêmeas se encontram e vivem felizes para sempre. O encontro de Badiou fala mais de almas inteiras, capazes de fazer uma escolha arriscada e pouco confortável. Nada disso abarca final, o encontro é o processo, o final sabelá.

Minhas duas semanas usando OKCupid me renderam um dos meus mais queridos amigos do mundo. Temos muito em comum e conversamos por horas. Mas meu último *encontro* acabou rolando, mesmo, com um cara que ama o único tipo de música que nunca suportei. E acho que isso resume minhas divergências com aplicativos de relacionamento: não somos tão simples.

Fora isso, admito que nunca fui boa com múltipla escolha nem em definir e delimitar as funções das pessoas na minha vida.

Não Pode: Gorda sofrer por amor

Um dia, já faz bastante tempo, escrevi no meu blog sobre meu coraçãozinho que estava partido e uma pessoa muito fofa me mandou um e-mail dizendo “nossa, que coisa mais patética gorda sofrendo por amor”.

Obviamente não me abalei com isso porque não vim ao mundo pra dar importância pra opinião de babaca anônimo, mas achei esse comentário tão cretino que nunca esqueci.

Até hoje não entendo qual era a linha de raciocínio dessa pessoa – além de tentar me ofender, claro.

Gorda sofrendo por amor é patético porque é lógico que você vai sofrer já que você é gorda e ninguém nunca vai te amar mesmo?

Ou

Gorda sofre por amor porque é gorda, se fosse magra não estaria sofrendo?

Qualquer das opções são absolutamente ridículas e queria só aproveitar esse espaço aqui então para lembrar que:

Se você é gorda e está solteira ou sofrendo por amor, acredite em mim, não é por que você é gorda. Não é. Não te conheço, mas sei que não é. Todo mundo vai tentar te convencer que é por isso sim, que se você fosse magra todos os homens estariam aos seus pés, que perdendo aqueles quilinhos que faltam seu ex vai voltar correndo, mas não acredite nisso. Querem te convencer disso pra te vender shake e revista com guia pra secar barriga. Não caia nessa.

Todo mundo já sofreu por amor. Todo mundo já levou pé na bunda, faz parte da vida. Seja você gorda ou magra. Seja você Adele ou Taylor Swift.

Não deixe ninguém tentar te convencer do contrário.

Diga não ao Homenzinho de Merda

Certa feita estava eu em uma festa quando um rapaz começou a flertar comigo e, seguindo a etiqueta social, eventualmente nos beijamos. Ocorre que, apesar de belo, era tosco e me falou alguma coisa – que o consumo de álcool não me permite lembrar. Só lembro da sensação que tive. Aquele aftertaste de cansaço e amargura me fez sentir um asco tão forte que na hora me afastei dele. Em seguida fiz o que, possivelmente ainda hoje, seja uma das coisas mais sinceras da minha vida. Levei minha mão até seu queixo (ele achou que receberia carinho, pois certamente acreditava estar arrasando), segurei seu maxilar, olhei em seus olhos e disse: "homenzinho de merda!" E fui embora pra minha casa.

Depois fiquei meio culpada, pensando que não se trata ninguém assim. Mas, ao encontrar minhas amigas logo em seguida, fui tão celebrada por meus feitos que, caralho, entendi que esse cansaço não era um caso isolado, nem era só meu. Era sintoma universal de algo maior e mais escroto: a cultura do homenzinho de merda.

Um homenzinho de merda é o cara que não vê separação entre flerte e assédio, que anula qualquer debate com "sua louca", que impõe seu modus operandi como universal, um reizinho capaz de defecar pela boca na velocidade da luz. Mas eu nem preciso te dizer isso, né, certeza que você já sabe EXATAMENTE o que é um homenzinho de merda, como ele se porta e, quiçá, onde vive. Infelizmente.

E se engana quem pensa que isso é privilégio do mundo hétero. Amigo da minha prima, Delaney, tem um conhecido que é gay e é quase um estudo de caso do tema.

Então resolvi fazer um pequeno passo-a-passo sobre como evitar os Homenzinhos de Merda em diversas situações:

1. Seu amigo acredita que estar com o coração partido dá passe-livre para dizer que "todas as mulheres são vadias"?

Pague uma pinga para ele e peça que ele só volte a entrar em contato contigo quando tiver deixado de ser um homenzinho de merda.

2. Seu namorado "não gosta de fazer sexo oral"?

Termine com ele e vá jogar Sudoku (dá na mesma).

3. Aquele colega de empresa adora contar piada com loiras?

Saia andando quando ele abrir a boca.

4. Seu pai defende que em briga de marido e mulher não se mete a colher?

Responda “Papai, eu te amo, mas o senhor está se envergonhando assim”.

5. Seu coleguinha faz piada com a campanha Chega de Fiu Fiu?

Mande ver nesse block amiga, ele serve pra isso.

NÃO EXISTE COISA MAIS BONITA QUE HOMEM FEMINISTA



Coisas mais bonitas que um homem feminista

Hoje apareceu na minha timeline um tweet fazendo piada com o discurso recorrente de: “existe algo mais lindo que um homem feminista?”.

Esse discurso pode parecer inocente, mas reafirma a não importância da mulher, o não protagonismo. Como se a grande conquista da luta das mulheres dissesse respeito aos homens (!?). Instantaneamente comecei a criar uma lista mental de coisas que eu acho mais bonitas que um homem feminista.

Gatos sonolentos
Pernas de Ciclistas
Sentimentos legais
Aquele jogo

E poderia continuar. Minha sobrinha é mais bonita que homem feminista, por exemplo. Ela é mais bonita quando chega para mim, aos seis anos, e me explica como surgiu o dia da mulher, pois aprendeu na escola. A escola, que agora ensina como surgiu o dia da mulher, é mais bonita que um homem feminista.

E feminismo é isso. Uma conquista cotidiana do lugar que, essencialmente, pertence às mulheres. Do lugar onde cada uma de nós chega procurando se reconstruir ou se tornar quem é. Essa pessoa que, muitas vezes, ansiamos mas nunca tivemos a oportunidade de ser, pois não é coisa de mocinha.

Esse lugar ensina, basicamente, que merecemos um lugar. E a importância de centralizarmos o debate não é só técnica (pois apenas nós vivemos isso), ela é prática, pois fala de onde queremos chegar e do que nos impede de chegar lá.

E vou citar um exemplo bem bobinho e cotidiano: mulheres maravilhosas com parceiros que, bem, não são exatamente feministas. E aí pode parecer que a grande libertação seria fazer com que todos os homens tivessem acesso ao feminismo. Ou apenas aquele. Isso já mudaria a vida dela, certamente.

Mas não. O feminismo nas mãos de um homem esforçado e bem intencionado é, no máximo, uma luta de imediatismo, que se conforma em tratar os sintomas. Só uma mulher vê o feminismo como uma questão de sobrevivência, adaptação e evolução. Como disse a Laurie Penny:

“Feminismo não é um conjunto de regras. Não é sobre tirar direitos dos homens, como se existisse uma quantidade pré determinada e finita de liberdade no mundo. Existe uma abundância de liberdade para se ter se tivermos coragem de demandar para todo mundo. Feminismo é uma revolução social e sexual e feminismo não está, de maneira alguma, satisfeito com a posição papai-mamãe. É sobre trabalho e amor e como um depende tanto do outro. Feminismo é sobre se fazer perguntas e se importar o suficiente para fazê-las quando elas se tornam desconfortáveis.”

E apenas uma mulher sabe o quanto é desconfortável ser e se colocar como feminista em um mundo machista. E a desgraça de viver uma existência que é compulsoriamente ativista, pois às vezes só queremos existir. E como a vida seria infinitamente mais confortável e miserável sem o feminismo.

É bem óbvio que eu não quero, aqui, desmerecer. Não vou nem falar dos dois novos fenômenos que podemos notar, que são os caras que tem um discurso alinhado com o meu, mas uma prática alinhada com a dos pais e os coitados que fazem isso pra pegar alguém. Estou falando dos poucos caras que vejo vivendo esse embate entre seus privilégios e a tentativa de reconhecer e respeitar o outro – as mina. Eu, por essência, valorizo toda e qualquer iniciativa que faz com que nos coloquemos no lugar da coleguinha ou do coleguinha.

Estou certa de que empatia pode mudar o mundo. Mas, como disse Cornell West: *“Empatia é mais que tentar imaginar o que os outros estão passando. Empatia é ter a disposição de reunir coragem o suficiente para fazer algo sobre isso.”*

Esses caras, capazes de se questionar e tentar rupturas, nós queremos conosco, sem dúvida nenhuma. Mas por mais maravilhosos que eles sejam, a casa ainda é nossa. E a maior conquista de todo discurso feminista (concorde ou não com o meu, seja ele qual for) é sempre a mulher que começa a se ver como alguém que não é mais coadjuvante.

Por isso falamos em protagonismo. E isso, às vezes, faz o feminismo parecer ainda mais difícil e solitário.

Não estamos acostumadas a ser protagonistas na nossa própria vida, fomos ensinadas a nos devotar, a viver para alguém que é sempre mais importante e merecedor. É o que a Penny chama de branding da feminilidade, que nos permite a liberdade do trabalho, beleza, romance, casamento, filhos. Mas que, como eu vejo, não ousa nos tirar do papel de coadjuvantes. Essa ousadia é apenas nossa. E não teria como ser diferente.

Este livro foi disponibilizado pela equipe do e-Livros

e-Livros.xyz

www.lugardemulher.com.br